

CASA DA BOA VIAGEM

Por CRISTINA CASTEL-BRANCO*

Vi um jardim que se desenrolava
Ao longo de uma encosta suspenso
Milagrosamente sobre o mar
Que do largo contra ele cavalgava
Desconhecido e imenso

Sophia de Mello Breyner Andresen,
Jardim do Mar in *Obra Poética*

Um solar minhoto com vista para o mar! É junto ao mar que passa a estrada de Viana para Caminha, e virando para o lado da serra, passando através das estreitas ruas da aldeia da Areosa, continuamos incrédulos, um solar donde se ouve o mar??? E de repente ao passar a ponte sobre o ribeiro do Pego, aparece-nos a torre secular da Quinta da Boa Viagem.

Quando largamos o casario da aldeia, em direcção à torre, um ambiente diferente nos envolve: são oliveiras cinzentas ao longo da estrada, um cruzeiro de pedra coberto há muitos anos de líquenes seculares anuncia que entramos em lugar sagrado; por trás das oliveiras, ao lado do ribeiro, virada para o mar, a capela, pronta a

* Professora da Universidade do Porto.



receber os peregrinos de Santiago, pronta a ouvir as suas orações. Junto a ela tudo se mantém para dar descanso a quem caminha: o alpendre, com colunas e bancos corridos de granito para posar o alfobre, a sombra das carvalheiras sobre a erva fresca para deitar o corpo cansado, a água um pouco represada do ribeiro para matar a sede, uma azenha donde o trigo saía moído para fazer o pão, e a janela sempre aberta para o altar, para a oração à senhora da Boa Viagem. Tudo o resto é paz.

Vêm de longe cortando serranias
As águas d'espumas rendilhadas,
Saltando aqui, além nas penedias
Como cabrinhas brancas, engraçadas
[...]
Bem hajam as águas generosas
Que aos moinhos acodem carinhosas
Com vida e força pr'a moer o pão;¹

¹ Mariana Villaboas Teixeira de Queiroz, "O Ribeiro da Boa Viagem", versos não publicadas, escritos na quinta da Boa Viagem em 1928, cedidos pelo Eng. José Teixeira de Queirós a quem agradecemos.

Do outro lado da estrada, sobre o muro da quinta há séculos que crescem os fetos agarrados aos líquenes. Alguém plantou hortênsias que dão as boas vindas junto ao portão nobre, enorme, e marcado pela imponência da escultura barroca que enquadra o brasão da família vilas boas. Ao entrar, o ambiente sagrado da paisagem que envolve a capela, dá lugar à história de uma família, a gerações de bravos capitães do mar, militares de fama, comerciantes capazes de fazer riqueza.

A posição baixa onde se encontra o portão, acentua a dignidade do solar, da fachada, da escadaria, e da torre. Entra-se sob uma latada larga que cobre o caminho rematado por um muro de granito. De um lado as casas baixas que serviram de apoio à lavoura do outro uma fonte barroca conta em granito a história da águia que raptou Parymedes. Desta alusão erudita à mitologia grega, se volta ao espaço



vivido da entrada onde assenta a escadaria, sobre grandes lajes de pedra de formas naturais, que ficaram à vista como base e fundação de toda a construção. Nenhuma geração quis alterar a entrada, torná-la plana, cómoda, regular. Felizmente ninguém teve a ousadia de cortar as rochas profundas e milenares sobre as quais a família foi crescendo em raízes agarradas à pedra e procurando o solo fértil, como as carvalheiras da mata e da ermida.

Eu creio que as árvores são gente
Que vive, sente e pensa como nós;
Por isso eu falo às carvalheiras
Que viram nascer nossos avós.¹

(Mariana Villasboas Teixeira de Queiroz, 1921)

Há quatrocentos anos (1608) através de Gonçalo Ferreira Villasboas, a família Villasbos ficou vinculada ao morgadio da Boa Viagem e à capela de Nossa Senhora da Boa Viagem. “he esta família huma das mais antigas, e illustres de Entre Douro e Minho, pois já no tempo do Sr. Rey D. Deniz se acha uma procuração dos fidalgos de riba Minho, nos seus registos, em q como tal, assignou João annes de villasboas, primeiro que temos notícia com este apelido...”²

A nobreza antiga da família, e os seus feitos militares não teriam chegado para nos deixar o património construído, a escultura, as fontes e lagos, a beleza do mar oferecida nos miradouros preparados para nos sentarmos. A construção de solares e jardins exigia riqueza acumulada durante um tempo, que no Minho corresponde a períodos de altas produções agrícolas, e de sucesso no comercio pelo mar. “Durante os século XVI e XVII, o porto de Viana do Castelo teve o

¹ Mariana Villaboas Teixeira de Queiroz, “As Carvalheiras da Boa Viagem”, versos não publicadas, escritos na quinta da Boa Viagem em 1921, cedidos pelo Eng. José Teixeira de Queirós a quem agradecemos.

² Gayo, Manuel Felgueiras, Nobiliário de Famílias de Portugal, vol. X, Ed. Carvalhos Bastos, Braga, 1990.

seu período áureo com o comércio do açúcar brasileiro.”¹, Este facto, associado à introdução e ao sucesso do milho permitiu à família reconstruir ou acrescentar sobre a casa dos antepassados a expressão da riqueza e ostentação do período barroco.

É Fernando Leite Lobo, descendente dos navegadores e nobres mercadores de Viana, formado em leis, Moço Fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo, Ouvidor do Ouro Preto no Brasil em 1740, que casa em 1742 com sua prima Maria Rozenda Villasboas e sendo morgado da Boa Viagem vai investir nela a fortuna acumulada no Brasil, ornamentando fontes, construindo escadarias e terraços, em dimensões e com uma dignidade que revelam a experiência das vastidões da paisagem brasileira. Não admira que tenha querido ficar sepultado na capela da Boa Viagem sob a benção da Senhora protectora dos viajantes.

No espaço murado da Boa Viagem o jardim e a quinta fundem-se, e mal se percebe se o tom vermelho de outono das folhas da vinha, pertence ao zeloso trabalho dos sérios agricultores ou ao espírito contemplativo do poeta e do pensador.

Já não há searas; é triste o pomar,
Não se ouvem melros a cantar nas hortas;
Rolam pelo chão as folhas semi mortas,
Desvairadas, tontas, sem poder parar.

Dorme nas videiras a seiva salutar
Que num terno adeus generoso e amigo
Lhes dá os tons de damasco antigo
Mantos vermelhos ao sol ainda a brilhar.²
[...]

1 Azambuja, Sónia, “ A quinta da Boa Viagem na Rota dos Descobrimentos “ Relatório de fim de curso de Arquitectura Paisagista, I.S.A. Lisboa,1999,p.52 . Muita da informação compilada para o presente texto foi feita por esta autora, a quem agradecemos com toda a amizade.

2 Mariana Villáboas Teixeira de Queiroz, “ Outono Triste”, versos não publicadas, escritos na quinta da Boa Viagem em 1923, cedidos pelo Eng. José Teixeira de Queirós a quem agradecemos.







Em nenhuma outra quinta se entremeia tão bem o jardim e o espaço agrícola. Passando por baixo de um arco entramos no caminho lajeado e coberto por uma latada larga e assente em esteios de granito: de um lado jarros, árvores exóticas e muros capeados a granito esculpido, do outro o laranjal regado com a água que desce lá de cima dos tanques rodeados de cameleiras e segue, certa e segura na pedra das regadeiras, até aos pés da laranjeiras.

O caminho alarga-se em plataforma de laje onde a antiga dignidade do jardim surge em esculturas ladeando a escadaria e sobre o corrimão, terminando numa fonte já à sombra da mata. Por cima da fonte, respeitando um bom uso da lentidão, uma estátua de mulher recostada sobre um globo: a preguiça!

Nos quatro hectares da quinta, se dispõem em anfiteatro virado para o mar, terraços ocupados ora por vinha ora por relvado e piscina, de um lado por pomar e horta, do outro por jardim de buxo. A mata de carvalheiras e castanheiros cresceu por trás da casa e vista

de longe cria-lhe um pano de fundo verde escuro, alto e digno sobre o qual se destaca a torre e a casa, pintadas de amarelo ocre e quente. No topo da quinta, junto ao muro que a liga à serra donde vêm as águas que uma mina recolhe e encaminha, o tanque das camélias. A quem se senta junto ao tanque, por baixo de uma magnolia e da ramagem de um castanheiro que enquadra por cima a vista, é dado, já há séculos, uma vista sem par. Posa primeiro o olhar sobre a água fresca do tanque onde flutuam pétalas de camélias brancas, logo a baixo o terreno desce bem, e é marcado pelos traços largos das latadas a dividir terraços que cada estação e cada cultura pinta de cor diferente. Os telhados da aldeia formam uma mancha densa e contínua antes da expansão já meio enevoada pelo ar húmido do mar, da veiga plana e dividida em tiras de cultura rica, antes das dunas que a separam do rebentar das ondas. A perder de vista, até ao horizonte a faixa infinita e azul do oceano Atlântico. Tudo isto foi dado e pertence a quem se senta junto ao tanque das camélias, do jardim da Boa Viagem!



Quanta gente aqui se sentou a olhar mar? Sítio marcado pela água, pela serra, e pelo repouso da vista do oceano. Lugar de obrigatória paragem. Por aqui passava a estrada romana e de certo aqui parava. Dos peregrinos de Santiago de Compostela, sabemos já que perto, aqui abaixo, marcaram a sua breve paragem de caminheiros. Mas a espiritualidade deste lugar vem do mar: daqui se viam chegar as caravelas que os bons ventos traziam ao porto de Viana. Daqui se davam graças à Senhora que protegia a Boa Viagem dos navegadores, chegando a porto, a casa, para aqui construir o seu merecido paraíso.